

Review

CASAS, Arturo

Procesos da historiografía literaria galega. Para un debate crítico.

Venécia: Edizioni Ca'Foscari.
2021. 368 pp.
ISBN 978-88-6969-531-5

Lucia Cernadas
University of Oxford

A publicação do volume *Procesos da historiografía literaria galega. Para un debate crítico* (doravante *Procesos*) supõe uma achega fundamental, desde os estudos da teoria e a historiografia literária, para a compreensão quer do funcionamento quer do estudo da literatura na Galiza contemporânea. O professor Arturo Casas (1958), catedrático de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Universidade de Santiago de Compostela, arruma e atualiza neste volume uma série de textos já publicados no presente século, todos eles ligados a duas ideias chave: duma parte, a atenção aos processos constitutivos e de institucionalização da historiografia literária galega; da outra, a vontade de favorecer o debate sobre formas alternativas de conceber e praticar esta disciplina, a qual, pelas palavras do autor, ‘no caso galego mostra un excesivo grao de acomodación á tradición herdada nos planos heurístico-metodolóxico e pragmático-funcional’ (335).

Conforme com estas duas ideias basilares, o volume está inequivocamente dirigido a um leitorado especializado, que poderá oferecer interlocução sobre os assuntos que comparecem no livro. Estes assuntos, alguns mais teórico-metodológicos e outros mais práticos, são organizados em quatro blocos: I) ‘Panorama crítico sobre algúns modelos de historia literaria’, II) ‘Periodización, xeracións literarias e canonización’, III) ‘Análises’ e IV) ‘Tres modelos outros’. Antes de nos determos no cerne dos *Procesos*, porém, devemos salientar as precisões feitas pelo autor na introdução à obra e que pairam sobre todas as suas páginas.

Nas páginas iniciais, portanto, destaca a chamada de atenção para como as crises do positivismo e do historicismo parecem ser alheias a sectores com capacidade de decisão no âmbito docente, o qual reproduz a história literária desde um prisma nacional; a ignorância destas crises, anota Casas, procede duma conceção quer ingénua, quer propagandística, da

CASAS, Arturo
*Procesos da historiografía
literaria galega. Para un
debate crítico*
Lucia Cernadas

história literária. Mais uma advertência relevante é a dos défices na hora de a disciplina representar pontos de conflito, tais como as migrações e a hibridação, e também a indicação sobre a suficiência do critério filológico, o qual, aponta Casas, deve ser aplicado de modo relacional e dialético, ultrapassando a predominância do texto.

O bloco I dos *Procesos* abre-se com um texto que revê quatro modelos alternativos para a história literária comparada, precedidos duma breve valoração sobre a trajetória do comparatismo —o qual, julga o autor, não produziu resultados verdadeiramente satisfatórios por dependência a processos de construção nacional e pela estrutura da academia na atualidade— e da constatação de duas condições *sine qua non* para o sucesso de qualquer novo modelo: o abandono do referente nacional como referente privativo e a consideração não organicista das relações interculturais. Em consonância com estas condições, os quatro modelos apresentados são: os processos interliterários de Dionýz Ďurišin e o Instituto de Literatura Mundial de Bratislava; a história cultural comparada e ‘des-narrativizada’ proposta por Mário J. Valdés e Linda Hutcheon na década de 1990, com desenvolvimento no Coordinating Committee for Comparative Literary History da Associação Internacional de Literatura Comparada; o modelo sistémico-institucional e empírico, e os estudos sobre a pós-colonialidade e a subalternidade. Todos eles, com diferente aplicabilidade, coincidem em refutar a história literária romântica e positivista, revendo o paradigma oitocentista das ciências sociais e levando em conta des- e re- territorialização, espaços difusos, mestiços e fronteiriços.

O segundo capítulo do livro amplia a crítica a um dos modelos apresentados previamente, focando a história da literatura e do sistema literário a partir do trabalho de Itamar Even-Zohar. Após advertir sobre a dimensão performativa da historiografia literária e de que ‘acabou o tempo das narrativas historiográficas unipessoais e o das expectativas associadas’ (74), Casas identifica quatro reptos da opção sistémica para a história literária. O primeiro deles é a identificação dos limites do sistema. Partindo da certeza de que a existência num espaço social dum único sistema é excecional, Casas aponta para as possíveis relações desses sistemas concorrentes: paratáticas ou hipotáticas. Neste último sentido, resulta de especial interesse a exploração do conceito de ‘delegación sistémica’ (81), próximo do de ‘subsistema’ empregado pelo grupo Galabra. A pergunta derivada do anterior, recuperada da conclusão do primeiro artigo, é como historizar essas relações complexas e heterogéneas; ante isto, são propostas como satisfatórias as vias exploradas por José Lambert e Elias Torres Feijó. Além disto, o autor assinala uma circunstância conhecida, mas nem sempre posta em prática: o sistema literário e a literatura nacional não são termos intercambiáveis.

Por outro lado, os outros três reptos e as suas possíveis soluções são enunciados de modo mais esquemático: ante a necessidade de incluir o campo dos possíveis no labor historiográfico, não apenas os produtos, Casas propõe levar em conta a construção de trajetórias de grupos sociais e agentes, tal como indicada por Pierre Bourdieu; ante a insuficiência do modelo lineal de articulação temporal, o professor julga a policronia dinâmica (86) uma alternativa; finalmente, para matizar as duas vertentes da denominada ‘aporía crítica’ (87), o autor reafirma a diferença entre crítica e juízo de valor, ao tempo que postula como soluções a seleção crítica de referentes para representar a heterogeneidade, a inclusão da ‘historia efectual’ (88) e a autoanálise da pessoa analista-historiadora.

Encerrando o primeiro bloco, o terceiro capítulo incide nos quatro reptos assinalados previamente com novas precisões críticas, de modo

CASAS, Arturo
*Procesos da historiografía
literaria galega. Para un
debate crítico*
Lucia Cernadas

que a primeira secção de *Procesos* apresenta um progressivo afunilamento. Dentre os comentários mais incisivos incluídos neste texto destaca o elaborado sobre o critério filológico e a dimensão nacional na história literária, os quais não pretendem ser refutados, mas retificados e problematizados. Num exemplo claro e direto, o autor refere o seguinte:

Abre a porta o que se está a desenvolver a unha incorporación da novelística de Pardo Bazán á literatura galega? Obviamente, non. Ábrea á incorporación de Clarice Lispector ou Angela Carter? Tampouco. *Pertencen* estas narradoras á historia da literatura galega? Non. E Rosalía de Castro, como autora de novelas e relatos en lingua castelá? Non. *Pertencerían* logo a unha historia do sistema literario galego? Con certeza. [...] (110)

Após os três artigos de maior complexidade conceitual, o segundo bloco do libro contém vários exemplos de visões alternativas à periodologia, às gerações literárias e à canonização tradicionais. O primeiro deles estuda brevemente a crítica de poesia na revista *Nós* como via privilegiada de entendimento dos processos de canonização; por sua vez, o segundo texto aplica a poética histórica bakhtiniana e os supostos da sociologia cultural de Karl Mannheim à poesia galega do pré-guerra, com o objetivo de representar o dinamismo e o conflito entre os agentes envolvidos nesta produção. Em terceiro lugar, são expostas as possibilidades da aplicação dum método geracional para a história comparada das literaturas, tarefa para a qual Casas aponta duas possíveis vias: a dos processos interliterários postulados pela já mencionada escola de Bratislava e a aplicação da teoria dos campos de Bourdieu às biografias coletivas das agentes desses campos, denominadas prosopografias. Já em quarto lugar, Casas analisa a proposta historiográfica de Xosé Luís Méndez Ferrín *De Pondal a Novoneyra*, ajudando a desautomatizar algumas inércias marcadas por esta obra e sublinhando como a proposta cumpre uma dupla função: postular uma dinâmica histórica que afeta grupos e agentes individuais no campo de produção poética e construir a própria consciência criadora de Ferrín. Por último, sendo todos os anteriores contributos valiosos para atingir o propósito do livro, destaca pela sua relevância neste bloco o quinto capítulo, toda a vez que revê a trajetória de Luís Seoane dum prisma dinâmico e relacional, ajudando a saldar a dívida da historiografia literária galega com o tratamento da centralidade do exílio americano, especialmente bonaerense, na conformação do sistema cultural galego contemporâneo.

O bloco III contém três análises pormenorizadas de diferentes projetos de historiografia literária, dois deles de agentes concretos. O primeiro deles é o pontevedrés Víctor Said Armesto, cuja trajetória, aponta Casas, tem tido escassa repercussão devido à não adequação do seu programa às lógicas dos campos historiográfico cultural e nacionalista galego (200). O professor repassa o programa de literatura galaico-portuguesa apresentado por Said em 1914 para a consecução da cátedra de literatura galaico-portuguesa na Universidad Central (hoje Universidad Complutense de Madrid); após este exame, Casas conclui que a tendência natural do trabalho de Said —de não ter falecido prematuramente— seria a duma história literária comparada de âmbito europeu, carente de visão nacional do fenómeno literário e porém convergente com a perspectiva organicista, historicista e centralista espanhola da altura, motivo pelo qual não cumpriria as condições desejadas pelo regionalismo e os subsequentes grupos galeguistas.

CASAS, Arturo
*Procesos da historiografía
literaria galega. Para un
debate crítico*
Lucia Cernadas

O segundo projeto historiográfico pessoal examinado é o de Ricardo Carvalho Calero. Dentre as muitas ideias postas em jogo nesta revisão, destaca a da inerente problematidade e provisoriedade de toda proposta historiográfico-literária, para o qual Casas coloca como exemplo, entre outros, a crítica realizada desde os feminismos — nomeadamente desde a obra de Helena Miguélez Carballeira — à praxe historiográfica do professor ferrolano. Mais um ponto central deste capítulo é a enunciação das condições de Carvalho Calero para a elaboração das suas propostas: a unicidade e a sistematicidade, a exaustividade de herança positivista, a hierarquização e a organização por autorias. Por último, Casas oferece também uma síntese do alcance e as limitações do projeto da *Historia da Literatura Galega Contemporânea*, tais como a sua origem num encargo que implica a assunção dos princípios de Galaxia, as dialéticas exaustividade-excelência e registo totalizador-cânone, os preconceitos heteropatriarcais do autor e o ecleticismo metodológico.

Encerrando o penúltimo bloco, encontramos um estudo comparativo de paratextos de diferentes propostas historiográficas ibéricas no último quartel do século xx, com o intuito de ‘identificar e analisar núcleos de problematidade e/ou problematización da historiografía literaria’ no período em foco (264). Este exame aparece baixo o sugestivo título ‘Prologar/ prorrogar a nación’ e, portanto, foca o (não) tratamento deste assunto nos múltiplos prólogos revistos. A este respeito, o capítulo inclui também uma série de oito considerações sobre a relação entre história literária e nação, entre as quais destacamos a obriga da disciplina de ‘cuestionar dúas axialidades exclusivistas: a do nacional em detrimento do non só nacional [...] e a do textual-autorial em detrimento do resto de factores [...] sistémicos’ (271) ou a relação entre a ‘multiplicidade funcional e institucional da história literaria’ e o ‘grao de desenvolvemento e autonomía do sistema cultural documentado’ (273), que repercute no grau de ‘desarme identitario’ (274) exigido a cada cultura.

Finalmente, o quarto bloco dos *Procesos* é dedicado a rever os contributos analíticos e teóricos de três figuras fundamentais dos estudos galegos contemporâneos: Antón Figueroa, Xoán González Millán e Helena Miguélez Carballeira. Sobre Figueroa são apresentadas recensões a duas obras chave para a introdução das teorias sistémicas e dos campos culturais: *Nación, literatura, identidade* (2001) e *Ideoloxía e autonomía no campo literario galego* (2010). Quanto a González Millán, Casas elabora um breve guia de leitura da sua obra, assinalando as suas continuidades desde três ‘núcleos de observación’ (316) — a questão nacional e as análises sobre a subalternidade, a constituição de (protos) sistemas literários e os denominados ‘elementos de inestabilidade e/ou desintegración’ a níveis textual e contextual (317) — e incidindo especialmente nas críticas à teoria dos polissistemas nos seus derradeiros anos. Por último, sobre Miguélez Carballeira, Casas incide no carácter feminista e pós-colonial que esta autora imprime à sua trajetória académica, exemplificada no sucedido *Galicia, a sentimental nation/Galiza, um povo sentimental?* (2013/2014) e ao qual poderíamos acrescentar a sua participação no recente projeto de estudos emancipatórios galegos nucleado em volta da revista *Clara Corbelhe*.

Em definitivo, *Procesos da historiografía literaria galega. Para un debate crítico* cumpre os objetivos marcados desde o seu título e resulta uma útil compilação da produção académica de Arturo Casas no presente século. Com solidez argumental e uma densidade teórica que mostram a altíssima capacidade crítica e intelectual do autor, Casas culmina neste volume uma

CASAS, Arturo
*Procesos da historiografía
literaria galega. Para un
debate crítico*
Lucia Cernadas

primeira entrega de materiais académicos que transmitem o constante compromisso com o entendimento e a utilidade social da disciplina da história literária, cuja complexidade abarca muito mais do referenciado nestas linhas; ficamos, pois, em espera do segundo volume antecipado pelo professor, que culminará a arrumação dos resultados de um programa investigador incontornável para a Galiza contemporânea.